

A TRANSPOSIÇÃO DO PRIMADO DO SUJEITO AO PRIMADO DO OBJETO: DA HISTÓRIA DO "ABSOLUTO" À HISTÓRIA DOS HOMENS EM SUAS RELAÇÕES SOCIAIS DE PRODUÇÃO (REFLEXÕES INICIAIS)

Maria Aparecida da Silva*

I - INTRODUÇÃO

Consideramos insuficiente dizer que a teoria de Marx se restringe a fazer uma contraposição à metafísica de Hegel. Consideramos lastimável ficar repetindo literalmente, sem compreender a sua complexidade teórica, a afirmação de Marx:

Em Hegel, a dialética está de cabeça para baixo. É necessário pô-la de cabeça para cima, a fim de descobrir a substância racional dentro deste invólucro místico.¹

Em que consiste esta inversão de perspectiva? Que problemas estão subjacentes às metáforas contrapostas simetricamente? Quais os desdobramentos das proposições que elas suscitam: Em Hegel, o processo dialético se equaciona-se em termos de sujeito; em Marx, o processo dialético equaciona-se em termo de objeto e não mais de sujeito? Que concepção de História decorre de cada uma das proposições?

Não temos a pretensão de responder, através de uma monografia, a todas as questões e a cada uma, em particular, de forma cabal. As respostas dependem de enfrentar dois monumentais edifícios sólidos - o de Hegel e o de Marx - passando pela crítica a Feuerbach. Reconhecemos que não temos fôlego para um empreendimento de tamanha envergadura. Todavia, consideramos que, se não se iniciar este esforço, corremos o risco de continuar sem compreender e até sem dimensionar a complexidade dos problemas por trás das duas formulações sobre a dialética.

Assim sendo, e como início de reflexão, limitamo-nos à pretensão de verificar, através dos *Manuscritos de 1844*, como Marx enfrentou essas questões. Tendo os *Manuscritos* como ponto de referência, permitimo-nos ir buscar em Hegel alguns aspectos do núcleo racional de sua dialética - a dialética da negatividade em ação - para melhor entender a crítica que Marx faz. Por fim, permitimo-nos afastar dos *Manuscritos*, mas tendo-os como ponto de partida, para verificar como Marx, no Prefácio da *Contribuição à Crítica da Economia*

* Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

1. Karl MARX, *O Capital*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, p. 17.

Política, resume o resultado a que chegou dessa crítica, já com a dialética posta com os "pés no chão".

II - MARX FACE À CRÍTICA DE HEGEL POR FEUERBACH

No prólogo dos *Manuscritos* (1844), Marx colocou, como necessidade, a tarefa de fazer a crítica de Hegel, nos seguintes termos:

*Diferentemente dos teólogos críticos do nosso tempo, pensei que uma exposição crítica da dialética hegeliana e da filosofia especulativa em geral é absolutamente essencial.*²

Por "teólogos críticos" entendamos os jovens hegelianos, dentre quais alguns teólogos, exemplificados por Strauss e Bauer, que, segundo Marx, ficaram prisioneiros da lógica hegeliana, limitando-se a repeti-la e até caricaturizá-la.

Ao iniciar o capítulo final dos *Manuscritos* (1844), Marx reitera sua intenção de compreender e examinar *títulos de legitimidade da dialética hegeliana*, no que se refere ao seu modo de aplicação na **Fenomenologia** e na **Lógica**.

Em seu empreendimento, Marx começa por fazer um balanço teórico das posições dos jovens hegelianos, representados pelos teóricos críticos, especialmente Bauer, que ele reprova por não ter superado o transcendentalismo, inclusive o hegeliano, e por Feuerbach, em quem reconhece uma tripla e grande proeza.

Vejamos a seguir o que Marx reconhece, retém e critica em Feuerbach. Marx salienta o fato de Feuerbach ter feito descobertas no pensamento de Hegel. Primeiro, ter provado que

*a filosofia constitui apenas a religião convertida em pensamento e desenvolvida pelo pensamento, portanto, deve condenar-se como outra forma e outro modo de existência da alienação.*³

Em *A Essência do Cristianismo*⁴, Feuerbach busca instalar o homem

2. Idem, *Manuscritos*. Económico-Filosóficos-1844. Lisboa, Berenice, 1989, p. 98.

3. Idem, *ibidem*, pp. 239-40.

4. L. FEUERBACH, *La esencia del Cristianismo*. Salamanca, Sigueme, 1975.

como verdadeiro sujeito nas relações entre o homem e Deus. Por analogia, cobra a ausência desse restabelecimento na filosofia especulativa, especialmente em Hegel, visto que ela transfere a essência do homem e da natureza à Idéia Absoluta que se converte, assim, em sujeito, enquanto o homem e a natureza, carentes de realidade própria, não são mais que prejudicados. Nessa inversão, o homem se apresenta como um ser alienado.

O segundo reconhecimento de Marx consiste em Feuerbach ter propiciado

*a fundamentação do autêntico **materialismo** e da **ciência positiva**, na medida que Feuerbach faz da relação social do 'homem ao homem' o princípio básico da sua teoria.⁵*

Para Feuerbach, a relação de homem a homem é o princípio e o critério primeiro da verdade. O fundamento do conhecimento é a essência do homem que

*só se contém na comunidade, na unidade do homem com o homem, porém uma unidade que se baseia unicamente na **realidade da diferença do eu e do tu.**⁶*

Vale salientar que este ponto da concepção antropológica de Feuerbach, que Marx sublinha como mérito, é o que mais tarde criticará por se tratar de relações entre homens abstratos, vinculados entre si por uma abstração comum - sua natureza - e não por suas relações sociais.

O terceiro reconhecimento de Marx e Feuerbach refere-se a sua crítica à dialética de Hegel e ao seu modo de conceber a negação da negação. É aqui, também, que reside a maior crítica de Marx a Feuerbach. Segundo Marx, o mérito de Feuerbach consistiu em

ter oposto à negação da negação, que pretende ser o positivo absoluto, um princípio subsistente positivamente fundado em si mesmo.⁷

Vejam, em primeiro lugar, em que consiste a diferença entre Feuerbach e Hegel com relação à concepção do positivo. O positivo, para Hegel, se identifica com a negatividade, como princípio e motor do desenvolvimento e é o "absoluto positivo". Já para Feuerbach, o positivo descansa em si mesmo

5. Karl MARX, *Manuscritos Económico-Filosóficos*, p. 240.

6. L. FEUERBACH. *Princípios de la Filosofia del Futuro. Textos Escogidos*, n.59, Caracas, Universidade Central de Venezuela, 1964, p. 41.

7. Karl MARX, *Manuscritos Económico-Filosóficos*, p. 240.

e se funda a si mesmo não negativamente, mas positivamente. Nos *Princípios de la Filosofia del Futuro*, Feuerbach assim critica Hegel:

*O mistério da dialética hegeliana não consiste em definitivo senão em negar a teologia em nome da filosofia, para negar por sua vez a filosofia em nome da teologia. A teologia é o começo e o fim; no meio fica a filosofia como negação da primeira posição; porém é a filosofia que constitui a negação da negação.*⁸

Por sua vez a teologia afirmada, negada e reafirmada, Feuerbach considera que a dialética idealista de Hegel e seu princípio motor - a negatividade - só servem para fundamentar a teologia, ou seja, o idealismo. Marx reconhece o alcance, para o materialismo, dessa conclusão de Feuerbach, mas critica-o por não conceber que a negação da negação pudesse ter um conteúdo real, escapando das construções idealistas de Hegel. Para Marx, a rejeição da dialética, em sua forma idealista, e do uso especulativo que Hegel faz da negação da negação não significa rejeitar toda a dialética e, de modo particular, a negação da negação. O problema reside, segundo Marx, em recuperar de outra forma a categoria hegeliana da negação da negação e, através dela, a dialética liberta de sua forma especulativa. Marx reconhece que a dialética, mesmo em sua forma hegeliana, expressa o movimento do real, só que de forma abstrata, especulativa e, portanto, deformada, mistificada.

Com a intenção de recuperar a negação da negação, porém de outra forma, Marx dirá:

*...Ao conceber a negação da negação, segundo a relação positiva que lhe é inerente, como o verdadeiro e único positivo, e segundo a relação negativa, que nela reside, como o único verdadeiro acto e como acto autoconfirmativo de todo o ser, Hegel descobriu apenas a expressão **abstrata, lógica, especulativa** do processo histórico, que não é ainda a história real do homem enquanto sujeito pressuposto, mas só a história do **acto de criação da gênese do homem.***⁹

Já se afastando da crítica de Feuerbach a Hegel, Marx acentua dois aspectos da negação da negação: o positivo verdadeiro que surge em luta com a negação e o aspecto negativo, como o único ato no qual um ser se afirma a si mesmo (afirma-se, negando o que o nega). Marx não critica Hegel por ter usado a categoria da negação da negação, mas por empregá-la de forma

8. L. FEUERBACH, *Textos Escogidos*, p. 101-2.

9. Karl MARX, *Manuscritos Económico-Filosóficos*, p. 240-1.

especulativa. A Feuerbach, Marx critica por ter deixado escapar que a dialética da negatividade pode adotar outra forma como dialética do movimento da história, do real.

Uma vez feita a crítica a Feuerbach, assinalados os seus méritos e limitações, torna-se uma exigência voltar a Hegel, para encontrar a verdade por trás de suas categorias abstratas e especulativas. Em outras palavras, qual é o núcleo racional da dialética de Hegel que Marx toma, conserva e eleva? É o que tentaremos responder a seguir.

III - ALGUNS ASPECTOS DO NÚCLEO RACIONAL DA DIALÉTICA DE HEGEL

Embora situado na tradição racionalista ocidental, Hegel rompe com o ponto de vista substantivista, presente no pensamento de Descartes e Espinosa, para os quais o real encontrava-se dividido em três substâncias distintas e ontologicamente essenciais: a substância divina (como síntese), a substância pensante e a substância extensiva (as coisas). O real, deste modo, seria uma soma imóvel de substâncias. Para Hegel, ao contrário:

*A substância viva é o ser que é sujeito de verdade ou, o que significa a mesma coisa, em que o ser é o que é efetivamente real em verdade, mas apenas na medida em que essa substância é o movimento em que se estabelece a si própria, a mediação entre si própria e o seu próprio devir - outra. Como sujeito ela é pura e simples negatividade.*¹⁰

Referindo-se à dialética de Hegel, Marx assim coloca:

*A esta operação (dialética) chama-se em linguagem especulativa: conceber a substância enquanto **sujeito**, enquanto **processo Interno**, enquanto pessoa absoluta, e esta forma de conceber as coisas constitui o caráter essencial do método hegeliano.*¹¹

Segundo Hegel, "o método dialético é a consciência da forma assumida pelo movimento interior do seu conteúdo". Isto significa, em outras palavras, que o método dialético não é outra coisa senão a tomada de consciência do movimento contraditório da realidade objetiva.

10. G. W. HEGEL, *La Phenomenologia de l' Esprit*, Paris, Aubier Montaigne, s/d, p. 17-8.

11. Karl MARX e F. ENGELS, *La Saint Famille*, Paris, Ed. Sociales, 1969, p. 76.

Para Hegel, todas as coisas trazem em si a sua própria contradição interna:

O exame de tudo o que existe mostra antes de tudo que, apesar de iguais a si próprios, todas as coisas são desiguais e contraditórias, e que são idênticas a si próprias, apesar da diversidade e da contradição, mostrando-se ao mesmo tempo animadas de um movimento que as impele a passarem de uma destas determinações a outra e isso porque cada uma em si é o seu próprio contrário.¹²

O pensamento dialético que Hegel chama de especulativo consiste, portanto, em procurar as contradições nas coisas. Para Hegel, o real é dialético e é atravessado por inúmeras contradições. O real está em movimento, e a raiz do movimento é a contradição, isto é, a unidade ou a identidade dos contrários.

Na contradição dialética de Hegel, o que determina a progressão do conceito é o negativo. O fato de a própria contradição se desdobrar em dois contrários que se negam reciprocamente - negação da negação - é uma negação determinada. Isto é, o negativo é, simultaneamente, o único positivo possível. Daí resulta, segundo Hegel:

apenas a negação do seu conteúdo particular ou também o fato de uma tal negação não ser a negação de tudo, mas apenas de uma coisa determinada; é por isso que o resultado contém essencialmente aquilo de que decorre na sua qualidade de resultado... Sendo resultado, a negação é simultaneamente uma negação definida e precisa, possui um conteúdo. Trata-se de um novo conceito, mas de um conceito mais rico do que o precedente, um conceito que lhe é superior. Com efeito, enriqueceu-se com a negação deste, com a negação de seu contrário, e, por conseguinte, contém-no e contém em si muito mais até, visto que é unidade entre si mesmo e o seu contrário.¹³

A totalidade das contradições forma a totalidade negativa; como unidade complexa das contradições. O todo é para Hegel

Segundo uma multiplicidade de caracteres distintos, um rico sistema de relações em si própria (a coisa) ou o múltiplo sistema de relações entre ela e outras coisas. (...) um equilíbrio

12. G. W. F. HEGEL, *Science de la Logique*, Paris, Aubier Montaigne, 1949, p. 32.

13. Idem, *La Phenomenologia de l'Esprit*, p. 82.

*estável de todas as partes e cada parte é um espírito no seu elemento nativo que não busca já a satisfação no para lá de si, mas antes a possui em si, no seu próprio interior, pois ele próprio estabelece esse equilíbrio com o todo...*¹⁴

O que une os fatores complexos do todo, bem como os diversos momentos são as mediações. Na mediação, afirma Hegel, os fatores, os momentos

*desempenham todos um papel de mediadores; o afirmativo de cada um deles contém a negação de cada um deles e é a negação de negação. São assim, tanto um como o outro, **resultados**, quer dizer não são o que eram na sua determinação inicial.*¹⁵

Esse todo, em movimento dialético, não é outra coisa senão a realidade, porém concebida de forma racional, no pensamento, pois para Hegel, "a razão é a certeza de ser de toda realidade". Sobre a identidade do ser e do pensamento, sobre a dialética do conceito e da racionalidade, como processos contraditórios, e sobre a onnipresença da razão, Hegel assim coloca:

*A razão passa, portanto, a interessar-se de uma forma universal pelo mundo, porque tem a certeza de estar presente neste mundo, porque tem a certeza de que a sua presença neste mundo é racional. A razão busca o seu Outro, porque sabe bem que possuindo-o apenas se estará possuindo a si própria; busca a própria infinitude.*¹⁶

O espírito (razão), em Hegel, aparece, então, como pensamento que se pensa a si mesmo, como natureza e como espírito. Ou seja, tudo é espírito. Todo concreto, todo real - a natureza, a história - isto é, tudo aquilo que tem um significado particular, dissolve o pensamento abstrato.

Voltemos aos *Manuscritos* (1844) e vejamos a crítica e o reconhecimento de Marx a Hegel.

14. Ibidem, p. 28.

15. G. W. F. HEGEL, *Science de la logique*, p. 150.

16. Ibidem, *La Phenomenologia de l'Esprit*, p. 204.

IV - MARX FACE À FILOSOFIA ESPECULATIVA E À DIALÉTICA DE HEGEL

Para Marx, o espírito abstraído de toda determinação real da natureza e da história, como concebe Hegel, é irreal, separado da realidade e, por isso, pensamento alienado.

*A exterioridade do pensamento abstrato [...] a natureza, tal como ela existe para este pensamento abstrato. A natureza é-lhe exterior, é a perda de si próprio; e ele concebe-a também como algo externo, como pensamento abstracto, mas pensamento abstracto alienado.*¹⁷

Para Hegel, o pensamento especulativo e a natureza são só momentos dessa verdade. Isto exige que haja superação desse domínio estranho para que o espírito retorne a sua verdadeira existência - a abstração, segundo Marx.

*Por fim, o espírito, o pensamento que retorna à sua própria origem, que enquanto espírito antropológico, fenomenológico, psicológico, moral, artístico-religioso, só é válido para si mesmo até se descobrir a si e se afirmar a si próprio como saber absoluto no espírito absoluto (isto é, abstracto), recebendo assim a sua existência consciente e apropriada. De facto, a sua existência real é a abstração.*¹⁸

A existência humana não escapa ao mesmo tratamento. Esse é um dos erros que Marx vai assinalar em Hegel - o tratar o homem real e seu mundo como modos de abstração. Para Marx,

*Quando Hegel concebe a riqueza, o poder do Estado, etc., como entidades alienadas do ser humano, concebe-os apenas na sua forma de pensamento - por consequência, uma alienação do pensamento filosófico puro, isto é, abstrato. Todo o movimento vai assim terminar no saber absoluto. Trata-se precisamente do pensamento abstrato do qual os objetos se encontram alienados e que eles confrontam com a sua pretensa realidade.*¹⁹

Isto significa que Hegel não concebe o homem e as instituições que ele cria em seu estado real, mas como entes do pensamento, isto é, essências discursivas.

17. Karl MARX, *Manuscritos Económico-Filosóficos*, p. 242.

18. *Ibidem*, p. 243.

19. *Ibidem*, p. 243.

Considerando que o homem só é propriamente espiritual, na concepção de Hegel, sua alienação não é, em definitivo, uma alienação consigo mesmo, uma auto-alienação, mas uma alienação em relação ao espírito-único sujeito de toda alienação. Para Marx,

Toda a história da alienação e toda retração da alienação se reduz, portanto, à história da produção do pensamento abstrato, isto é, do pensamento absoluto, lógico, especulativo. A desapropriação que forma o interesse real da alienação e a abolição da alienação, é a oposição do em si e para si, da consciência e da autoconsciência, do objecto e do sujeito, isto é, a oposição do pensamento abstrato e da realidade sensível ou da existência sensorial real, no interior do próprio pensamento.²⁰

Todas as oposições se resolvem reduzindo-se os opostos a pensamento, a um sujeito que já não se objetiva, a um objeto que já todo ele é sujeito. A história real converte-se em história do pensamento, da filosofia. Os conflitos reais resolvem-se na esfera da abstração, e inclusive a sensoriedade real não escapa a esta redução. Nesse movimento universal do pensamento abstrato, Hegel situa a existência humana, a objetivação e desumanização de sua essência.

Hegel concebe, pela primeira vez, ainda que de forma mistificada, o movimento pelo qual o homem objetiva sua essência, aliena-a e se reapropria ou a reconquista. Porém, em vez de atribuir este movimento ao homem real, atribui-o ao espírito, ao pensamento puro, do qual o homem participa. Ao assim conceber, ainda que de forma mistificada, Hegel não só aponta para a história real, como proporciona a chave para entendê-la como um movimento dialético de objetivação, alienação e superação da alienação.

Marx não nega seu reconhecimento a Hegel pelo uso da categoria da alienação, aplicada ao homem, ainda que de forma mistificada, e por oferecer os elementos críticos, também mistificados, de esferas completas da vida social. Suas palavras:

A Fenomenologia é deste modo a crítica oculta, ainda pouco clara e mistificadora; mas na medida em que apreende a alienação do homem - embora o homem apareça apenas na forma de espírito - nela se contém veladamente todos os elementos da crítica e se encontram amiúde já preparados e elaborados de uma maneira que vai muito além do ponto de vista de Hegel. A 'consciência infeliz', a 'consciência honesta', a lutada 'consciência nobre e da consciência vil',

20. Ibidem, p. 243.

*etc., etc., estas secções individuais contêm os elementos críticos - se bem que em forma alienada - de esferas globais como a religião, o Estado, a vida civil, etc.*²¹

Marx, ao fazer a crítica à **Fenomenologia** de Hegel, conserva o conceito de alienação, mas faz dele um uso real. Ao ser posto em relação com o homem recebe uma dimensão prática, real; o homem se aliena na prática. Mas reconhece, como um mérito de Hegel, o conceito de auto-gênese ou auto-produção do homem, porém critica-o posto que os termos dela também são apresentados mistificados (homem, processo, etc.).

*O grande mérito da Fenomenologia de Hegel e do seu resultado final - a dialética da negatividade enquanto princípio motor e criador - reside, em primeiro lugar, no facto de Hegel conceber a autocriação do homem como processo, a objetivação como perda do objecto, como alienação e como abolição da alienação; e no facto de ainda apreender a natureza do trabalho e conceber o homem objectivo (verdadeiro, porque homem real) como resultado do seu próprio trabalho.*²²

Marx elogia, em Hegel, a interpretação da realidade humana como processo. Ele apreende a essência do trabalho, ao conceber o homem objetivo, (verdadeiro, porque homem real), como resultado de seu trabalho. Contudo, a seguir vem a reserva: é que Hegel concebe o trabalho como essência, por ignorar o papel que desempenha o processo de produção dos meios materiais. Segundo Marx, "o único trabalho que ele entende e reconhece é o trabalho intelectual abstrato".

Salientando o papel da objetivação e de seu oposto - a alienação - no processo de formação do homem, Marx faz uma crítica a Hegel. Ao mesmo tempo, fazendo uma inversão, situa esse papel no plano da auto-produção real:

*A orientação real, ativa, do homem para si mesmo enquanto ser genérico ou a afirmação de si próprio como ser genérico real, quer dizer, como ser humano, só é possível na medida em que ele realiza todos os seus poderes específicos - o que, por sua vez, só é possível através da ação coletiva dos homens e como resultado da história - e trata estes poderes como objetos. Mas isto só é viável na forma de alienação.*²³

21. Ibidem, p. 244.

22. Ibidem, p. 245.

23. Ibidem, p. 246.

A objetivação aparece para Marx como uma necessidade para que o homem se realize. Porém essa realização é problemática. A possibilidade de negar-se a si mesmo está inscrita na própria objetivação. O homem só existe exteriorizando suas forças essenciais. Não pode ficar em sua subjetividade; tem que objetivar-se. Tampouco pode ficar em sua individualidade; tem que objetivar-se, exteriorizar-se, "mediante a ação conjunta dos homens". Aqui, Marx instaura o encontro efetivo, concreto, ativo e necessário do homem com a história. Aqui, Marx atinge o escopo básico de sua "Crítica da Dialética e da Filosofia de Hegel" (Manuscritos de 1844), ao converter o pensamento hegeliano, centrado na categoria do sujeito, para um novo pensamento, centrado na categoria do objeto.

É notório como, ao partir da crítica da especulação filosófica e da dialética hegeliana, Marx vai construindo seu método de forma indissociável da concepção materialista da história. Permitimo-nos estender um pouco mais, a fim de verificar como essa construção vai-se fazendo de forma indissociável também, da *Crítica à Economia Política*.

V - MARX E UMA NOVA FORMA DE EXPLICAÇÃO DOS "FATOS" VIDA REAL: A CRÍTICA DA ECONOMIA POLÍTICA

No Prefácio da *Contribuição à Crítica da Economia Política*, Marx resume o resultado a que chegou desta crítica e que, segundo ele, uma vez obtido lhe serviu de guia para os seus estudos. Pode-se entrever, nesse resumo, a apropriação do legado da dialética de Hegel, em seu núcleo racional - a negatividade em ação -, porém, agora, colocado com os "pés no chão", isto é, superada a sua dimensão mistificada.

O primeiro aspecto a destacar é a eleição do "modo de produção" como objeto teórico central. Expresso com as palavras de Marx, nos seguintes termos:

Na produção social da própria existência, os homens estabelecem relações determinadas, necessárias, independentes de sua vontade, relações de produção que correspondem a um determinado grau de desenvolvimento das forças produtivas materiais. O conjunto destas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base concreta sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e à qual correspondem determinadas formas de consciência social. O modo de produção da vida material condiciona o desenvolvimento da vida social, política e intelectual em geral.²⁴

24. Karl MARX, *Contribuição à Crítica da Economia Política*, São Paulo, Martins Fontes, 1983, p. 24.

O segundo aspecto que se sobressai é o fato desse objeto central ser uma totalidade concreta em processo, ou seja, ser um presente em processo, o que não é outra coisa senão ser uma totalidade histórica.

O terceiro aspecto liga-se às contradições entre as relações de produção e as forças de produção no interior do modo de produção, e que engendram a sua negação - dialética da negatividade em ação -, colocado por Marx, nos seguintes termos:

Em certo estágio de desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade entram em contradição com as relações de produção existentes ou, o que é a sua expressão jurídica, com as relações de propriedade no seio das quais se tinham movido até então. De formas de desenvolvimento das forças produtivas, estas relações transformam-se no seu entrave. Surge então uma época de revolução social. A transformação da base econômica altera, mais ou menos rapidamente, toda a imensa superestrutura.²⁵

Os três aspectos destacados salientam-se por sua base revolucionária, a qual traz, em seu bojo, uma concepção de história totalizadora - o materialismo histórico. Em outras palavras, não se trata mais de uma história no sentido hegeliano de realização de uma finalidade histórica absoluta (desenvolvimento do Espírito), mas de uma história que é a afirmação por parte dos homens na sua luta contra a natureza (transformação da natureza pela produção) e contra eles (transformação social pela luta de classes), de maneira indissociável e mediada pela produção, tendo em vista valores e fins próprios.

Quanto à indissociabilidade entre o método dialético e materialismo histórico, ninguém melhor do que Florestan Fernandes expressou, colocando que Marx, ao realizar a Crítica da Economia Política,

*suscitava uma nova forma, ao mesmo tempo histórica e dialética, de explicação dos 'fatos da vida real' (...). Ele **partia dos dados de fato e das teorias da economia política. Mas os submetia a um novo tipo de raciocínio científico-filosófico, que repunha o trabalho, o trabalhador, a situação de trabalho, a 'desumanização' e a 'objetivação' do trabalhador, etc., (bem como a propriedade, o não trabalhador, o capital, etc.), como totalidade histórico-social concreta, vista simultaneamente em sua aparência e em sua essência, em suas origens, manifestação atual e no vir-a-ser.**²⁶*

25. Ibidem, p. 24-5.

26. Florestan FERNANDES (Org.) *Karl Marx e F. Engels: História*, São Paulo, Ática, 1989, pp. 22-3.

VI - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos voltar, agora ao nosso ponto de partida. Interrogamos sobre o significado da inversão de perspectiva da dialética de Hegel por Marx. Questionamos as proposições subjacentes às duas dialéticas, em termos de transposição do primado do sujeito para o do objeto. Indagamos sobre a concepção de história de uma e de outra. Verificamos que a inversão que se deu é radical, à medida que todas as colocações de Marx se movem dentro da categoria da objetividade. É neste sentido que entendemos a metáfora de que "em Hegel a dialética está de cabeça para baixo e é necessário pô-la de cabeça para cima" (Marx). O processo de transposição aconteceu por uma necessidade histórica expressa, por Marx, nos *Manuscritos de 1844*. Essa transposição foi, na realidade uma superação-negação da negação-da dialética de Hegel.

Em Hegel, temos uma concepção ideal de tempo histórico, isto é, um tempo que se funda no movimento racional, contraditório e superativo. A história é o desenvolvimento do Espírito Absoluto. A história se dá, portanto, no plano da razão, isto é, de forma subjetiva. Já em Feuerbach, surge o homem, mas sem história, visto que ele não consegue fazer conciliar homem e natureza.

Em Marx, o tempo histórico está fora do homem, isto é, está no mundo material. É o tempo dos homens, em conjunto, em suas atividades - trabalho. É um tempo que se funda no movimento contraditório, superativo do homem na transformação da natureza. É um tempo objetivado.

Em relação à concepção de história, em Marx, podemos dizer que ela se constitui pela superação. Em outras palavras, os homens, em conjunto, fazem a história e, nessa atividade, há uma constante superação. A história se faz por necessidade dos homens em suas relações sociais de produção.